**ASPECTOS CLÍNICOS DA LEPTOSPIROSE EM EQUINOS**

**Gabriela Mendes Ferreira 1\*, Driely Flores Assis Costa1, Lais Aparecida Silva¹, Sthéfanie Alves Ramos¹ e Priscila Fantini 2**

*1Graduando em Medicina Veterinária – UNA – Bom Despacho/MG – Brasil – \*Contato: gabrielamendes71@yahoo.com.br*

*2Professor de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Bom Despacho – Bom Despacho/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A leptospirose é uma enfermidade infectocontagiosa capaz de acometer diversos animais domésticos, silvestres e até mesmo o homem, sendo desta forma determinada como antropozoonótica.3

A doença é transmitida por uma bactéria, do gênero *Leptospira* *spp*., possuindo espécies diversas que apresentam forma de espiroqueta, sendo estas sensíveis ao pH ácido, no entanto, muito resistentes à altas temperaturas. 4

A doença pode ser transmitida de forma direta, através de contato com a urina de animais contaminados, principalmente roedores, que são os principais vetores da enfermidade, ou até mesmo de forma indireta, através da ingestão de alimentos e água contaminada, sendo esta a principal forma de contágio entre os equinos. 5

Nos equinos, a doença pode ser apresentada de forma subclínica, sem a ocorrência de sinais, sendo este paciente uma fonte de contaminação silenciosa do ambiente, do homem e de outros animais, e através da manifestação clínica, caracterizada pela presença de sinais específicos como como febre, icterícia, anorexia, uveítes e até mesmo sinais reprodutivos através de abortos e partos prematuros. 2

O diagnóstico da leptospirose em equinos é baseado na utilização de exames laboratoriais, através de cultura de urina para observação do crescimento bacteriano em laboratório, testes sorológicos para detecção de anticorpos de resposta inicial contra a doença, além de métodos moleculares, que busca a presença do material genético do agente no conteúdo analisado. 1

O tratamento é baseando na utilização de antibióticos e fármacos de terapia suporte para os sinais clínicos severos apresentados durante o curso da doença. 5

O objetivo da presente revisão foi abordar os principais aspectos clínicos da leptospirose em equinos, promovendo o entendimento da doença para atuação profissional.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Para a realização desta revisão de bibliografia, foram utilizados artigos publicados nas seguintes plataformas e revistas: PubMed, Scielo e Revista Cientifica Veterinária.

**REVISÃO DE LITERATURA**

A leptospirose é uma doença emergente, encontrada em muitos países do mundo, principalmente os de clima tropical, por apresentarem um ambiente que contribui para o avanço de sua transmissão, através de temperatura e umidade ideal para o crescimento e multiplicação do agente. 3

São descritas vinte e duas espécies da bactéria reconhecidas pela ciência, sendo estas espécies classificadas de acordo com sua severidade frente a contaminação do organismo, denominadas em patogênicas, intermediaria patogênica e não patogênicas 1,3. Entre estas espécies, as encontradas em território nacional aos quais os equinos podem se infectar são as *Leptospiras interrogans*, e suas soro variáveis, sendo estas a *icterohaemorragiae*, *canicola*, *bratislava*, *pomona*, *grippotyphosa* e *hardjo*. 4

A transmissão ocorre pelo contato com a urina do rato, de forma indireta por objetos e alimentos, ou de forma direta com o excremento, sendo a principal forma de contágio através de seu hospedeiro e vetor da doença, os roedores. Além disso, o sangue e restos placentários em contato com a pele e mucosas podem causar a infecção, seja com ou sem a presença de um ferimento prévio como porta de entrada. Este tipo de transmissão possibilita que várias espécies de mamíferos venham a contrair a doença, aumentando o ciclo de contaminação, não ficando restrito somente aos ratos. 5

Com esta facilitação da transmissibilidade, os chamados fômites como água, utensílios de manejo, comedouros, seringas, celas, aparelhagem cirúrgica e entre outros objetos, bem como o próprio sêmen dos equinos, podem ser veiculadores da enfermidade. 3

A leptospirose pode resultar na ocorrência de sinais clínicos agudos ou crônicos, no entanto, observa-se com mais frequência variações assintomáticas da doença. Os sinais mais comuns variam desde manifestações sistêmicas como são apatia, febre e caquexia, à complicações séricas, como hemólise intravascular, agravante da anemia, resultando em hemoglobinemia ou hemoglobinúria até manifestações em sistemas específicos como o fígado, através de demonstração de quadros de icterícia e aborto (Figura1) relacionado a manifestações no sistema reprodutivo. 4

**Figura 1:** Aborto decorrente de leptospirose em equino. Fonte: autor, 2021.

Há tambem manifestações clínicas oculares, como epífora, congestão ocular, blefarospasmo, uveíte (Figura 2), fotofobia e despigmentação focal peripapilar nos casos de infecções causadas pelo sorovar icterohaemorrhagiae. 3



**Figura 2:** Uveíte recorrente em equino com leptospirose. 3

O diagnóstico da doença é um desafio quando na forma subclínica, sendo necessário a utilização métodos de detecção de anticorpos através de sorologia, além da busca pelo material genético do agente através de reação em cadeia da polimerase (PCR). 4

O tratamento é baseado na utilização de antibióticos a base de estreptomicinas ou tetraciclinas, sendo ainda utilizados nos casos de infecção uterina a Penicilina G, além de analgésicos, colírios, antitérmicos, fluidoterapia e terapêutica suporte mediante a apresentação individual de cada paciente. 3

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante considerar o impacto da leptospirose na saúde dos animais, principalmente por se tratar de uma antropozoonose, sendo necessário atenção aos sinais clínicos, manipulação cautelosa dos pacientes e exames periódicos a fim de detectar a doença antes que ela seja prejudicial ao cavalo e ao homem que tem contato com ele.